

Rosa,
minha
irmã
Rosa

COL. OBRAS DE ALICE VIEIRA

ROSA, MINHA IRMÃ ROSA, Prémio de Literatura Infantil «Ano Internacional da Criança», Auswahlliste Deutscher Jugendliteraturpreis, Alemanha, 1979, 32.^a edição, 2018 • LOTE 12, 2.^o FRENTE, 17.^a edição, 2015 • CHOCOLATE À CHUVA, 31.^a edição, 2017 • A ESPADA DO REI AFONSO, 13.^a edição, 2010 • ESTE REI QUE EU ESCOLHI, Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura Infantil 1983, 14.^a edição, 2011 • GRAÇAS E DESGRAÇAS DA CORTE DE EL-REI TADINHO, 21.^a edição, 2016 • ÁGUAS DE VERÃO, 11.^a edição, 2017 • FLOR DE MEL, Estrela de Prata do Prémio Peter Pan, Suécia, 2009, 10.^a edição, 2010 • VIAGEM À RODA DO MEU NOME, 11.^a edição, 2010 • PAULINA AO PIANO, 5.^a edição, 1999 • ÀS DEZ A PORTA FECHA, 8.^a edição, 2015 • A LUA NÃO ESTÁ À VENDA, 10.^a edição, 2010 • ÚRSULA, A MAIOR, 9.^a edição, 2011 • OS OLHOS DE ANA MARTA, Prix Octogone, França, 2000, 7.^a edição, 2010 • LEANDRO, REI DA HELÍRIA, 27.^a edição, 2017 • PROMONTÓRIO DA LUA, 6.^a edição, 2009 • CADERNO DE AGOSTO, 4.^a edição, 2006 • SE PERGUNTAREM POR MIM DIGAM QUE VOEI, 8.^a edição, 2017 • UM FIO DE FUMO NOS CONFINS DO MAR, 3.^a edição, 2011 • TRISAVÓ DE PISTOLA À CINTA, 7.^a edição, 2017 • VINTE CINCO A SETE VOZES, 4.^a edição, 2012 • O CASAMENTO DA MINHA MÃE, 2005 • A VIDA NAS PALAVRAS DE INÊS TAVARES, 2008 • MEIA HORA PARA MUDAR A MINHA VIDA, 3.^a edição, 2017.

COL. HISTÓRIAS TRADICIONAIS PORTUGUESAS

CORRE, CORRE CABACINHA, 2.^a edição, 2000 • UM LADRÃO DEBAIXO DA CAMA, 1991 • FITA, PENTE E ESPELHO, 1991 • A ADIVINHA DO REI, 1991 • RATO DO CAMPO E RATO DA CIDADE, 1992 • PERIQUINHO E PERIQUINHA, 1992 • MARIAS DAS SILVAS, 1992 • DESANDA CACETE, 1992 • AS TRÊS FIANDEIRAS, 1993 • A BELA MOURA, 1993 • O COELHO BRANQUINHO E A FORMIGA RABIGA, 1994 • O PÁSSARO VERDE, 1994 • OS ANÉIS DO DIABO, 1998 • O GIGANTE E AS TRÊS IRMÃS, 1998 • MANHAS E PATRANHAS, OVOS E CASTANHAS, 2003 • AS MOEDAS DE OURO DE PINTO PINTÃO, 2003.

COL. HISTÓRIAS TRADICIONAIS PORTUGUESAS. NOVA SÉRIE

A MACHADINHA E A MENINA TONTA E O CORDÃO DOURADO, 2006 • RATO DO CAMPO E RATO DA CIDADE E JOÃO GRÃO DE MILHO, 2006; 3.^a edição, 2017 • O FILHO DO DEMÓNIO E A ADIVINHA DO REI, 2007 • SE HOUVESSE LIMÃO E O COELHO BRANQUINHO E A FORMIGA RABIGA, 2008 • O MENINO DA LUA E CORRE, CORRE, CABACINHA, 2009; 8.^a edição, 2018 • O SAPATEIRO E O PÁSSARO VERDE, 2009 • A VERDADEIRA HISTÓRIA DO DR. GRILLO E PERIQUINHO E PERIQUINHA, 2010 • A BELA MOURA E A VELHA CAIXA, 2014 • UM LADRÃO DEBAIXO DA CAMA E SOPA DA PEDRA, 2018.

OUTRAS OBRAS

ESTA LISBOA, 1993 • EU BEM VI NASCER O SOL, 8.^a edição, 2009 • PRAIAS DE PORTUGAL, 1997 • CONTOS E LENDAS DE MACAU, 2.^a edição, 2009 • 2 HISTÓRIAS DE NATAL, 2.^a edição, 2006 • ROSA, MINHA IRMÃ ROSA, edição comemorativa do 25.^o aniversário da primeira edição, 2004 • DOIS CORPOS TOMBANDO NA ÁGUA, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho (Poesia), 2.^a edição, 2008 • TEJO (com fotografias de Neni Glock), 2009 • O QUE DÓI ÀS AVES, 2.^a edição, 2014 • A ARCA DO TESOURO, 2010; 6.^a edição, 2017 • OS PROFETAS, 2011 • OS ARMÁRIOS DA NOITE, 2014; 2.^a edição, 2015.

ALICE VIEIRA

Rosa,
minha
irmã
Rosa

32.^a Edição

CAMINHO

Título: *Rosa, minha Irmã Rosa*

Autora: Alice Vieira

© Editorial Caminho, 1980

Capa: Patrícia Furtado

1.ª edição, 1979

32.ª edição, fevereiro de 2018 (reimpressão)

Pré-impressão: Leya, SA

Impressão e acabamento: Multitipo

Tiragem: 6000 exemplares

ISBN: 978-972-21-2905-3

Depósito legal n.º 425 908/17

Editorial Caminho, SA

Uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, 2

2610-038 Alfragide – Portugal

www.caminho.leya.com

www.leya.com

Reservados todos os direitos de acordo
com a legislação em vigor.

1

Quando a minha irmã nasceu, o meu desapontamento foi tão evidente que a minha mãe, abafada entre lençóis e cobertores da cama do hospital, me disse:

— Ela vai crescer num instante!

Assim como se me pedisse desculpa nem ela saberia ao certo de quê.

Num instante.

Num instante?

Num instante descia eu a rua para ir a casa da Rita trocar cromos («não te compro mais enquanto não colares na caderneta todos os que tens!», dizia a mãe tantas vezes), ou para lhe emprestar um livro, ou ela a mim.

Num instante bebia eu o leite nos dias em que me atrasava, para apanhar a carrinha da escola, a voz de Margarida nos meus ouvidos: «Olhe que por sua causa vamos chegar tarde!»

Num instante ficava em água o gelo, em tempo de calor — e o que eu e a Rita tínhamos rido no dia em que

a Chica estava cheia de medo que os cubos de gelo entupissem a pia...

Não, a minha irmã não ia crescer num instante. E eu não entendia por que razão a minha mãe tinha dito aquilo, se ela sabia, tão bem como eu, que não era verdade.

Desse dia lembro-me ainda que fui dormir a casa da minha avó Elisa, que me encheu os bolsos de rebuçados, e me deixou ir para a cama mais tarde e sem se importar de saber se eu tinha lavado bem os dentes. Já deitada, ouvi o telefone tocar muitas vezes, e sempre a minha avó respondia:

— É outra rapariga... Correu tudo bem...

O sono não vinha, por mais que fechasse os olhos com muita força, como a Rita me ensinara. O colchão da minha cama era rijo («faz bem à espinha!», dizia o pai) e o colchão da avó era mole, tão mole, com uma cova no meio. Além disso a avó Elisa tinha muito medo das constipações e não me deixava abrir nem uma gretinha da janela. Além disso...

Além disso faltava-me a voz da mãe («vá, dorme, que amanhã tens de te levantar cedo para a escola!»), faltavam-me as suas mãos a aconchegarem-me ao corpo a roupa da cama. Faltava-me saber que ela estava ao pé de mim mesmo que não a visse nem ouvisse.

Mas isso eu não dizia a ninguém, nem à Rita. Toda a gente gritava aos quatro ventos que eu já era crescida, havia de ser bonito se me vissem ali, encolhida na cama, lágrimas nos olhos e na garganta, com saudades de casa e da mãe. Até a Rita havia de rir, com certeza. Mas a verdade é que era isso mesmo que eu sentia. Isso mesmo: saudades. E era só por isso que não conseguia adormecer.

— Correu tudo bem...

E como teria sido se tudo tivesse corrido mal?

E o que quereria dizer, ao certo, «correr bem»?

A mãe e o pai tinham-me explicado como tudo acontece, logo no momento em que a barriga dela começara a crescer: o pequeno, invisível grão aí colocado pelo pai, o ovo a desenvolver-se dia a dia lá dentro, isso eu sabia. Lembro-me que um dia até achei graça ao ver mexer a barriga da mãe.

— É o bebé a virar-se cá dentro — disse ela.

— Com tanto pontapé até é capaz de vir aí algum jogador de futebol — disse o pai.

Mas tudo agora não passava de palavras, de histórias que me tinham contado. Talvez fosse isso que a Margarida queria dizer todas as vezes que, lá na escola, lhe acontecia algum aborrecimento e ela bichanava para a Teresa:

— Pois é, a gente só sabe dar o valor quando nos toca a nós!

Eu não sabia bem o que quereria exatamente ela dizer com essas palavras, mas lá que havia coisas que ficavam muito diferentes quando saíam dos livros para a nossa vida, lá isso havia.